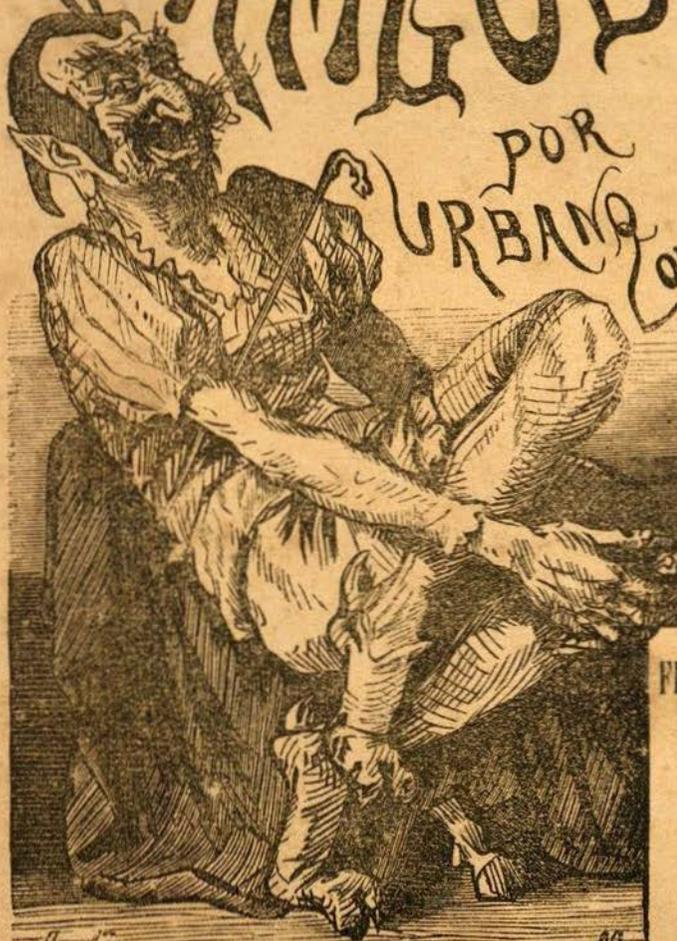


*Quinta da Moura, Beira, e Serra  
de Castello*

# VORTIGÕES

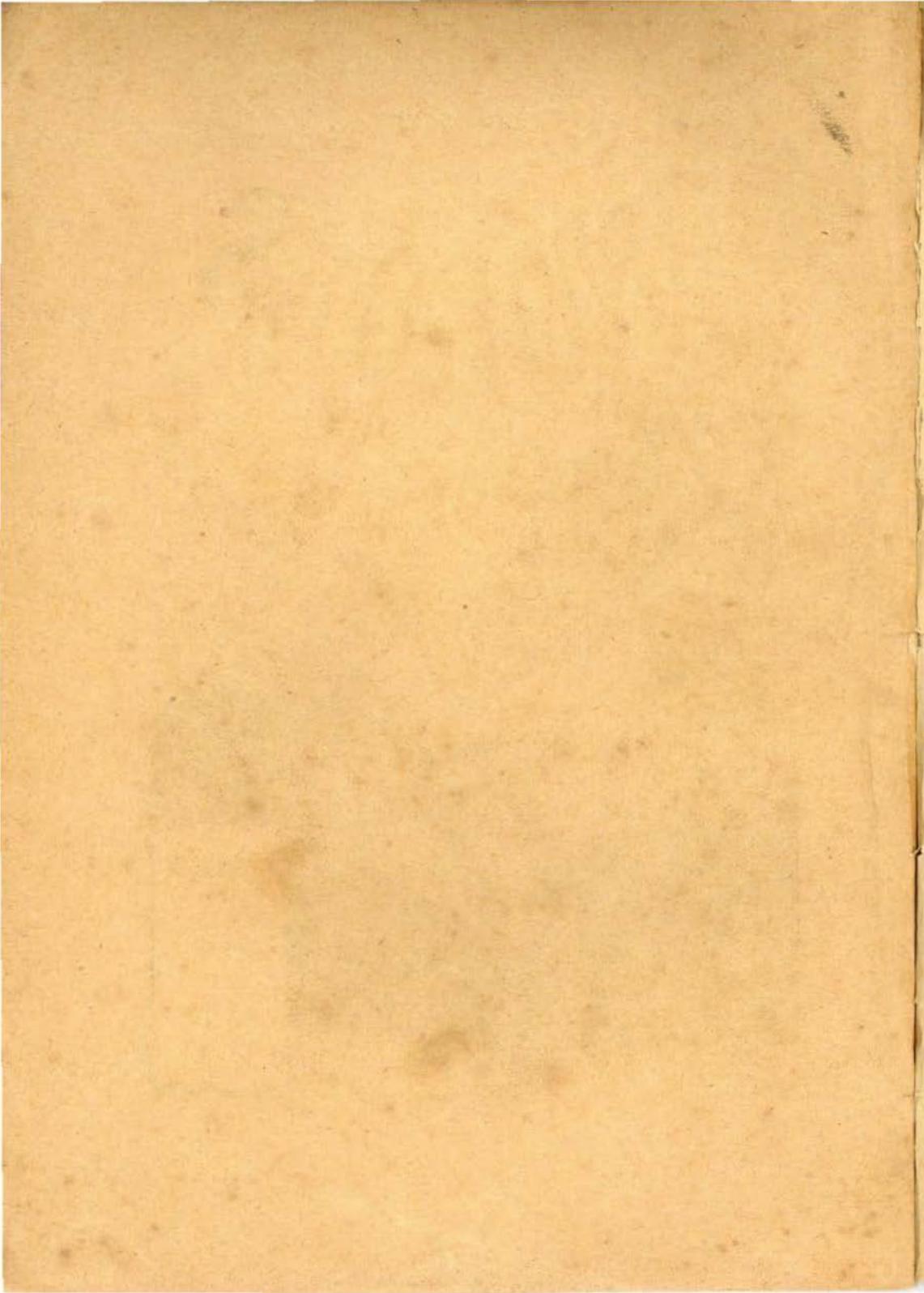
POR  
URBANO  
LOUREIRO



FEVEREIRO  
DE  
1877  
—  
N.º 5

*Lezardier*

*AL*



URBANO LOUREIRO

---

# ORTIGÕES

CRÓNICA DO MEZ — PERFIS DIVERSOS  
— SATYRAS DA ACTUALIDADE

---

N.º 5

FEVEREIRO DE 1877

---

PORTO

LIVRARIA CIVILISAÇÃO DE EDUARDO DA COSTA SANTOS, EDITOR

8 — Santo Ildefonso — 10

---

1877

La satire, comme la conscience, nous rapelle  
ce que souvent nous voudrions oublier.

*Madame de Blessington.*

## SUMMARIO

---

DE QUEM É A CULPA?—A opinião do estrangeiro a nosso respeito. — Nós e os hottentotes, nós e os pretos, nós e os marroquinos. — Quem nos vem conquistar? — N'um congresso de sabios. — Portugal, paiz atrasado, preguiçoso, desleixado, ignorante e inhabil. — De quem nos devemos queixar. — O snr. barão de Sant'Anna. — O snr. Teixeira de Vasconcellos e o snr. Ramalho Ortigão. — O que disse um e o que escreveu o outro. — Quem não mente? — A imprensa periodica, *a chronica da politica e das lettras* e a diplomacia agastada, causa de falsos juizos. — A verdade, só a verdade! — A HESPAÑHA NO ANNO 3000. — Novas conspirações. — A pelle de D. Affonso e o pus bourbonico. — O ideal politico dos hespanhoes. — A republica de Mandovia, notas da carteira d'um viajante. — Alugam-se armas para revoluções. — Fusila-se um presidente e acclama-se Ximenez. — O almoço. — Fusila-se Ximenez e acclama-se Beiriz. — Corrida de toiros. — Fuzila-se Beiriz e acclama-se Rodriguez. — Partida. — Fuzila-se Rodriguez e acclama-se Gonzalez. — Feliz povo! — A INSTRUÇÃO EM FERROS. — Falsas accusações. — Um governo, que nos dá tudo, inclusivè tiros. — O palacio da instrucção primaria em Coimbra. — A cadêa-escóla e o mestre-ladrão. — Os professores que se iam tractar e que tratavam de se ir. — Idéas do snr. Sampaio. — Um ladrão explicando os mandamentos. — A PENDENCIA-CAMARÃO—O inglez do snr. visconde de Arriaga. — O que disse-ram Camarão e Jungue. — Impenitente! — Apoiado aos nobres oradores! — Emquanto os degradados

se reabilitam.—Evangelicos faccinoras! —Um assumpto irritante.—VESPAS.—*O parlamento restaurante.—Uma phraze cruel.—Como se consolida uma constituição... na Hespanha.—A maioria parlamentar e a Academia Real das Sciencias.—A caridade official.—Colim-Colim-Simahô, rei de Bijékmaláculi.—Um verso de Molière.—Um discurso serio e sensato.—Indignação brazileira.*

#### DE QUEM É A CULPA?

Parece que o nosso vetusto Portugal está na sua hora aziaga. De toda a parte lhe cahem sobre a prostrada figura os insultos, as bordoadas e... os ponta-pés, sem que uma voz potente e respeitada se erga a protestar contra a causa unica de tão insigne manejo.

Sem nos determos a commentar os discursos dos sabios Cameron e Young, de quem nos occupamos algures no presente opusculos, apontaremos de corrida, como não pode deixar de ser n'uma revista de acanhadas dimensões, as seguintes passagens:

Um historiador inglez, escreveu n'um livro de educação, que tem curso auctorisado nas escolas primarias da India ingleza, que

Portugal é um paiz selvagem, que o hottentote é um povo civilizado a par do portuguez e que o character d'este ultimo, sem participar das virtudes do povo hespanhol, possui todas as suas más qualidades, — a ignorancia, a selvageria, a ladroice, os instinctos bestiaes, adicionando-lhe a covardia.

O auctor quasi nos não calumnia n'este ultimo traço. A nós pelo menos, faltar-nos-hia a coragem se tivéssemos de escrever de quem quer que fosse, que não conhecessemos, mesmo do auctor de taes informações, o que elle diz d'um povo, que não tem a minima culpa em que s. s.<sup>a</sup> *faça* historia por sua conta depois de jantar.

Mas este caso não é tão singular como poderá afigurar-se ao leitor.

N'um dos volumes da *Geographia universal* de Reclus, occupando-se de Portugal, lêmos, entre outras curiosas indicações a nosso respeito, como — que as feições mais accentuadas do portuguez são da raça negra, de que procede, — os dois seguintes periodos textualmente traduzidos:

«A ignorancia em que viviam os lusitanos no meado d'este seculo (1851, data a que

se refere a maior parte dos esclarecimentos fornecidos pelo auctor a respeito de Portugal) era só comparavel á dos seus visinhos de Marrocos, ao sul do Algarve. Nos districtos septentrionaes, Vianna, Braga, Bragança etc., uma rapariga, que soubesse ler, era um verdadeiro phenomeno.»

Isto escreve-se e publica-se em França, e fará o giro do mundo, e será mais tarde citado de reforço a affirmações tendentes a mostrarem que devemos ser conquistados para a civilisação pelo primeiro Robinson humanitario, que se proponha o sacrificio de nos tirar a tanga e a aljava, de nos vestir de lavado, e de nos explicar a conveniencia de conhecermos as letras do alphabeto.

Passemos adeante. Occorrem-nos mais dois mais quatro, mais vinte citações de auctoridades estrangeiras, que porfiam em não se desmentirem umas ás outras. Mas não accrescentaremos senão o facto por certo muito do conhecimento dos nossos leitores, succedido em Pesth, n'um congresso estatistico de sabios francezes, russos, italianos, inglezes e allemaes.

Foi alli proposto que Portugal se encarre-

gasse dos estatutos relativos á propriedade rural não edificada, trabalho que a França declinara de per si por estar sobrecarregada com a estatística agricola e outros assumptos.

Levantou-se então o prussiano dr. Engel, um sabio distincto e chefe dos trabalhos officiaes estatisticos na Prussia, e disse—que lhe parecia arriscado senão inutil confiar aquelle trabalho a Portugal, paiz atrasado, pouco trabalhador e até desleixado, pois que nunca respondera ás cartas, que sobre pontos de sciencia, elle havia escripto para Lisboa, e accrescentou que não nos achava aptos para nenhum objecto serio, que reclamasse sciencia e applicação.

Vemos por isto que na França, na Inglaterra, e na Prussia, gosamos d'um invejavel conceito no parecer d'uns sabios, cuja auctoridade, adquirida em trabalhos anteriores, não se destroe facilmente.

. . .

Mas de quem nos devamos queixar?—da ignorancia do estrangeiro?—Não. Da nossa

má fé, do nosso proposito, do quasi prazer que sentimos em nos rebaixarmos, em nos amesquinhamos, em nos deprimirmos, mesmo em flagrante opposição com a verdade.

Custará isto a ser acreditado e até percebido pelo estrangeiro, de ordinario zeloso da gloria do seu berço natal, nem se admitirá facilmente que haja um paiz, cujos naturaes ouçam sem protestar as mais tristes insinuações e as mais humilhantes calumnias, mandadas correr mundo por um dos seus diplomatas ou homens de lettras, mas a verdade é só uma, e a verdade é essa.

Ha poucos mezes ainda foi demittido pelo nosso governo de um importante cargo diplomatico n'uma das principaes côrtes da Europa o snr. barão de Sant'Anna pelo facto de ter publicado um pamphleto em que insultava Portugal e o governo portuguez.

Esta publicação será lá fóra, um dia, o auxiliar de algum curioso estudo sobre a nossa constituição politica e os nossos homens de Estado.

Ora, a quem pertencerá a responsabilidade dos commentarios, com que, necessariamente, o estrangeiro bordará as revelações de s.

exc.<sup>a</sup>, tão falsas quanto injuriosas, e das quaes ninguem poderá duvidar, *pois que o auctor é portuguez*, e era enviado de confiança do governo portuguez?

Caberá essa responsabilidade ao estrangeiro?—De modo nenhum!

E depois, nós que deixamos passar sem o minimo reparo, sem a minima contradicta, o pamphleto d'esse homem, cuja posição official terá um grande peso no juizo desprevenido de quem quer que seja, nós cá estamos para gritar — injuriam-nos, infamam-nos lá fóra homens de má-fé! — quando, por serem de boa-fé, é que esses homens nos infamam, nos injuriam e nos insultam.

. . .

Voltemos sobre um outro factó a que fizemos ha pouco referencia; sobre o caso do sabio prussiano Engel, no congresso de Estatística, celebrado em Buda-Pesth.

Elle chamou-nos paiz atrazado, preguiçoso, desleixado, ignorante, inhabil, ao qual era arriscado incumbir qualquer trabalho serio.

«Immediatamente se ergueu na sala o snr. Teixeira de Vascancellos, enviado de Portugal n'aquelle congresso de sabios — relata um jornal possuido de muito acrisolado patriotismo — e disse, como remate a um notavel improviso em que replicou triumphantemente, ás asserções do illustre prusiano, mostrando que entre nós não era escasso o numero de homens aptissimos em todos os ramos de conhecimentos humanos, que Portugal sempre acompanhou os progressos europeus, honrando-se alguma vez com a iniciativa d'elles nas lettras, na jurisprudencia, na suavidade e brandura de costumes.»

Ora emquanto isto se passava no congresso de sabios em Buda-Pesth e o snr. Teixeira de Vasconcellos era apoiado nas suas affirmativas pelos delegados francezes, italianos e russos, o snr. Ramalho Ortigão fazia imprimir em Lisboa uma carta subscriptada ao snr. ministro do reino, «escripta sobre uma pasta collocada nos joelhos á sombra d'um parreiral», em que se lia o seguinte da instrucção publica do seu paiz :

«A ignorancia geral é tão supina e profunda, *que ninguém comprehende sequer a ne-*

*cessidade de se instruir.* Os pais mandam educar os seus filhos unicamente por uma d'estas tres razões:—para os habilitar a um emprego, para satisfazer uma vaidade de salão ou para dar uma satisfação á sociedade da sua rua. *Ninguém se educa com o intuito de se completar como homem, de se formar como cidadão.»*

«Para fazer uma lei d'este genero (organica da instrucção publica) é preciso attender primeiro que tudo, *a que, em Portugal, em regra geral, ninguem sabe nada, nem sequer medir a profundidade d'aquillo que ignora.* Qualquer que seja a questão que se apresente, *não ha ninguem que a tracte;* é indispensavel *preparar* um individuo que a estude.»

«E no entanto os pavorosos effeitos da *crassa, da profunda, da illimitada ignorancia portugueza* alastram-se a pouco e pouco sobre a superficie inteira do paiz, e embebem-o em uma immensa nodoa, tremenda de *intensidade, de dissolução, de aniquilamento.*

»*A incapacidade, á semilhança de uma enorme chaga cancerosa, penetra e corroe a sociedade em todas as suas expressões:* o in-

dividuo, a familia, a raça, a nacionalidade, o proprio solo, o proprio clima.»

Na verdade, meus senhores, vale bem a pena tomar calor na defeza de um paiz atacado violentamente pelo estrangeiro nas suas instituições litterarias e scientificas, no incontestado e incontestavel merito de muitos dos seus filhos, para se ver immediatamente desmentido por um conterraneo, que, na impotencia de se elevar, tracta de amarfanhar quanto o redêa para sobresahir!

Nós sempre desejaríamos saber como o snr. Teixeira de Vasconcellos se tiraria de embaraços, caso o snr. Engel, o sabio prussiano, replicasse ao discurso triumphante do nosso euviado, offerecendo á sua consideração e da assembleia os trechos citados da carta do snr. Ramalho.

Qual dos dois preopinantes dizia a verdade?—o snr. Vasconcellos fallando n'um tom sereno e firme a um congresso respeitavel ou o snr. Ramalho, escrevendo ao ministro da instrucção no seu paiz, em estylo dogmatico e sentencioso?...

...

Não sejamos, pois, demasiado severos com o estrangeiro que nos aprecia com menos justiça, fazendo parada dos nossos conhecimentos e das nossas forças, quando deixamos passar sem um desmentido, sem uma palavra, sem um gesto, que denuncie a nossa reprovação o discurso, o artigo, a phrase de origem nacional, que lhe serviu de baze para taes apreciações e juizos.

Onde querem que elle vá procurar esclarecimentos para os seus estudos relativos a este ignorado palmo de terra do occidente da Europa?—á China? ao Perú?—E d'ahi talvez fosse mais verdadeiro do que soccorrendo-se da sua imprensa periodica, da sua *chronica da politica, das lettras e dos costumes*, do juizo d'alguns dos seus diplomatas.

Pela imprensa, vendo-a alternar-se nos insultos e graves accusações aos membros do poder executivo, o estrangeiro chega ao conhecimento de que não ha nem houve ministro em Portugal, que não seja ou tenha sido um devasso, um traficante, um corrupto, um esbanjador, cujo logar deveria ser—na grilheta.

Pela *chronica*, revela-se-lhe que não temos

sciencia, nem letras, nem arte, nem caracter, nem nacioalidade, nem educação, nem decencia, nem senso commum, nem nada.

Pela diplomacia, apenas lavra o desacordo entre s. exc.<sup>a</sup> e o governo, é informado por pamphletos de que Portugal está pobre, exaustão, desacreditado, perdido no conceito dos homens probos, sem uma cabeça que o dirija, sem um braço que o ampare, imbecil, moribundo, e, ou applaude um insultador da nação, que representa, como no Cape Town, ou a insulta ella mesma como em Washington.

Ora, em boa verdade, que ha a esperar de quem, desconhecendo-nos completamente e animado da melhor boa-fé, vê deante de si taes documentos illucidativos, em portuguez, por portuguezes e não contestados ainda em cima?—Um desmentido a tudo isso?

Seria inteiramente novo.

Muito ao contrario, ha a esperar o que deve ser na realidade, e que tanto nos indigna escripto em idioma que não seja o nosso—a exposição curiosa do nosso relaxamento na politica, do nosso desprezo por quanto é sciencia, lettras e artes, da nossa corru-

paixão, da nossa immensa preguiça, da nossa supina ignorancia, da nossa completa indifferença, da nossa irremediavel decrepitude, do nosso anniquilamento proximo, informações glosadas nos artigos dos jornaes, nos estudos da critica, nas revelações da diplomacia.

E então, animados do mais requintado patriotismo, e soffrendo apenas a indignação, queixamo-nos de ser mal apreciados na França, na Inglaterra, na Allemanha, nos livros e nos congressos ! Estranha contradicção !

...

Por o que nos respeita não é em nome do nosso patriotismo offendido, mas unicamente em nome da verdade, que lhe está superior, que nós protestamos contra as abjecções e falsidades de que a paixão ou a má fé, a cubiça ou o despeito, a simples maledicencia ou a paixão desmedida, têm abastecido contra Portugal o seu mercado litterario.

A mentira é sempre vil; no caso de que nos occupamos é vilissima.

A verdade e só a verdade. Nem mais—  
nem menos.

---

## A HESPAÑHA NO ANNO 3000.

Chegam d'além da raia varias noticias de conspirações descobertas e de outras ainda por descobrir em diversos pontos da valorosa Hespanha, todas urdidadas contra o estado actual das coisas.

Chegou mesmo a vogar em Lisboa a aterradorada noticia de que tinham desfechado em Madrid com o esperançoso monarcha D. Affonso, succedendo uma bala ter furado a sua regia pelle.

Era menos verdadeiro o boato. A setinosa epiderme de S. Magestade ainda ás ultimas noticias do fio eléctrico estava lisa e unida, se algum furunculo republicano ou carlista lh'a não tinha rebentado a occultas, abrindo passagem ao pus borbonico. De resto ainda é cedo para a substituição. O praso costuma ser de tres annos. O que, porém, se está evidenciando pelas successivas descobertas de conspirações é que os conterraneos do Cid tractam de encurtar o mais

possível o tempo de duração de cada governo.

Elles continuam trabalhando para alcançar o seu ideal politico, aquelle a que já fizemos referencia na revista do mez passado,—o ideal das pequenas republicas hespanholas da America, como se n'elle é que estivesse o segredo de todo o seu bem-estar, de toda a sua felicidade futura.

Um amigo que n'este momento nos arremete pelo escriptorio dentro, de braços abertos e bolsa de viagem ao tiracollo, chegado de uma longa excursão a essa parte do mundo, informando-se do que estavamos escrevendo, atirou sobre a nossa meza a sua carteira de viagem, dizendo ao mesmo tempo:

—Folhea. Deves encontrar alguma coisa que te sirva. O ideal do povo hespanhol tem-l'o talvez representado ahi na republica de Mandovia.

Era exacto isso.

. . .

Eis o que lêmos :

*Notas da carteira d'um viajante, que se demorou 3 horas na republica de Mandovia, ex-possessão hespanhola :*

A florescente republica de Mandovia constante da capital, duas villas e cinco aldéas, tem uma população de doze mil habitantes, segundo os ultimos registros.

O seu exercito compõe-se de 600 praças, 70 officiaes graduados, 12 tenentes-generaes e uma boca de fogo.

A sua marinha, conta um vaso de guerra com vinte marinheiros e tres lanchas.

Na cidade ha trinta cafés, uma escóla quasi sempre fechada, quarenta e duas tabernas, dez varias officinas, tres praças de touros, sete repartições do Estado com quinhentos empregados de graduacão, e vinte depositos de armamentos, sabres e espingardas, com o distico seguinte nas portas :

«Alugam-se armas para revoluções»

Depois dos cafés e das tabernas, são estes os estabelecimentos mais concorridos na pequena republica de Mandovia.

Quando entrei na cidade, acompanhado d'um cicerone, tinha tido logar uma revolta.

O antigo presidente, que já estava no poder havia sete horas, tinha sido assassinado.

O general Ximenez fôra acclamado presidente da republica.

Pelas ruas havia grupos de individuos, armados de espingardas e mosquetes, fallando com enthusiasmo.

Chegamos a uma praça onde acabava de ser arvorada uma bandeira verde.

Notarei que a maior parte das vidraças das habitações eram de madeira.

O motivo é que, de todas as vezes que havia uma revolução, os revoltosos faziam fogo para os vidros, na ausencia de alvo melhor em que empregar as suas cargas.

Começou a distribuir-se um manifesto do novo presidente da republica.

Um dos paragraphos dizia assim :

«Povo mandovino ! Acho-me á vossa frente, por suffragio vosso ! Farei quanto esteja nas minhas forças por corresponder á confiança, que depositastes nos meus brios e na

minha espada sempre leal a esta republica, cheia de gloriosas tradições e de honrosos precedentes. Cidadãos! conto com o vosso apoio, como com o do exercito e da armada na realisação d'algumas reformas salutaes nas repartições do Estado!—*Ximenez.*»

Tinha tido tempo de dobrar o papel e de o metter no bolso, quando se percebeu grande vozeria e se ouviram alguns tiros; ao mesmo tempo os cinco ou seis cafés, que havia na praça, vomitaram golphadas de individuos armados, gritando!

«Fóra Ximenez!»

«Morra Ximenez!»

«Abaixo o traidor!»

A esta enorme turba, junctaram-se os grupos, que havia dissiminados pela praça, gritando tambem:

«Fóra Ximenez!»

«Morra Ximenez!»

«Abaixo o traidor!»

— Que é isto? — perguntei eu ao meu cicerone.

— E' uma revolta dos empregados publicos. O presidente diz que pretende fazer

reformas nas repartições; eis as consequências. É bem feito!

— E vão demittir o presidente?

— Se fôr só isso! Mas elle tem o exercito por si... a coisa ainda não se resolve n'esta hora mais chegada.

E como se ouvisse um rufar de tambor, accrescentou o homem:

— Oh! ahi vem a tropa.

Effectivamente d'ahi a instantes desembocava por uma das ruas o exercito mandovino a marche-marche, trazendo á sua frente, com todo o seu estado-maior, o tenente general Gonzalez, de chapéu emplumado e oculo a tiracolo.

A tropa desapareceu por uma outra rua em direcção ao palacio da presidencia.

— Que se passará?—interroguei eu um pouco sobresaltado.

— Nada — tornou-me o cicerone.— Provavelmente Ximenez é demittido... e espingardeado, e sobe ao poder D. José Beiriz, chefe dos empregados publicos; isso vê-se d'aqui a pouco. Se usted quer, vamos almoçar...

...

Entramos n'um café. Os criados serviam de pistolas á cinta, emquanto que o dono do botequim, por traz do balcão, fazia as honras da caza de espingarda ao hombro, de polvorinho e correão a tira-colo. A cada janella do estabelecimento havia uma peça de campanha.

Comemos umas coisas muito irritantes cozinhadadas com dynamite, bebemos vinho que sabia a polvora bombardeira e tomamos chocolate com vela mystica.

O que é certo é que d'um instante para o outro se me despertaram instinctos guerreiros, que nunca tinha conhecido em mim.

O meu cicerone queria correr á revolta; mas já na praça se ouviam grandes berros, e echoavam alguns tiros distantes de artilheria.

— Que quer dizer aquillo?

— É a esquadra que salva pelo novo presidente da republica. . . — e desatando aossaltos, correndo d'um lado para o outro e atirando ao chão os bancos do café, gritava:

— O inimigo! quero o inimigo!

Fóra clamavam:

— Viva Beiriz!

— Viva o novo presidente!

— Morra Ximenez!

— Viva a republica!

— Viva a tropa unida ao povo!

Sahimos. A praça estava coalhada de gente.

Nos grupos o exercito confraternisava com os populares de espingarda ao hombro e cartucheira á cinta.

A bandeira verde do mastro tinha já sido apeada e em seu logar desfraldava-se outra côr de canario.

De repente o povo deu em correr para um ponto da praça d'onde partiam toques guerreiros.

— Nova revolta? — disse eu, seriamente desconfiado de que estava n'um paiz de doidos com a monomania das revoluções.

— Não... por ora ainda é cedo; aquillo é o bando dos toiros.

— Hoje ha toiros?

— D'aqui a meia hora.

— E' muito longe?

— Cinco minutos de caminho; e vale a pena vêr-se. Temos capinhas habeis, como não os ha em Hespanha.

A praça ia-se tornando deserta.

Fomos.

Era uma bonita praça de toiros, onde caberia á vontade toda a população de Mandovia e seus suburbios.

Dentro havia um charivari infernal.

Alguns espectadores, porque o divertimento não principiasse, como passa-tempo carregavam as espingardas e disparavam-n'as para o ar, ao passo que outros chamavam o homem dos refrescos e bebiam aguardente com trinca-fio.

Entretanto o presidente da republica, que devia assistir ao espectaculo, não chegava.

A impaciencia era crescente, e, com os vivas a Beiriz, entremeavam-se já os gritos de:

— Abaixo Beiriz !

Quando chegou o presidente para dar principio á funcção tauromachica, acolheu-o uma tremenda assoada.

— Abaixo !

— Fóra !

— Não o queremos !

— Morra o presidente !

O snr. Beiriz ergueu-se para fallar e fallou, mas ninguem o quiz ouvir nem ouviu.

Fôra victima do partido contrario, que o atraigoara, dando-lhe a hora trocada para a corrida.

Vê-se que a politica é a mesma em toda a parte.

As imprecações e as vozes de

— Abaixo o presidente!

eram já acompanhadas de tiros para o camarote, e de gritos:

— Morra Beiriz!

As mulheres pareciam ainda mais furiosas do que os homens.

O presidente, que se considerara irremediavelmente perdido para a republica, tractou de salvar a pelle.

Sahiram logo para a rua os espectadores, em grande tumulto, e um grupo de cidadãos prendeu-o.

A turba insultava-o.

Então uma voz de Stentor, sobrepujando ás outras, gritou:

— Viva Rodriguez!

E todos deram em gritar:

— Viva Rodriguez!

— Viva!

E ao passo que Beiriz era levado para

uma enxovia, o novo presidente Rodriguez entrava no seu camarote da praça dos toures e agradecia a honra d'aquella acclamação.

Tocou uma fanfarra, e houve os cumprimentos do costume.

Sahiu o primeiro touro, que investiu com o cavalleiro, e por forma tal o arremeçou contra a trincheira e lhe cravou uma das pontas na barriga, que elle nunca mais se tornou a mexer.

Applausos, enthusiasmo, delyrio!

—Bravo, touro!

—Bravissimo!

O cavalleiro foi tirado moribundo.

Depois de receber algumas farpas, o feroz animal conseguiu apanhar um bandarilheiro, arremeçou-o a uma altura espantosa, e elle, cahindo, deu um estouro formidavel.

Tinha rebentado. Estava morto.

O delyrio chegou então ao seu auge.

Uma corneta deu signal para se matar o bicho.

E logo se ergueu um espectador na trincheira, apontou-lhe a espingarda e metteu-lhe uma bala na cabeça.

O touro cahiu redondamente no chão.

Foi um frenesi de bravos, de palmas, de berros.

Sahi horrorisado; mas antes de chegar á rua fui apupado pela turba dos espectadores.

Corri á hospedaria, preparei as malas e dirigi-me á estação do caminho de ferro, proxima da cidade.

Quando lá chegava, chegavam igualmente aos meus ouvidos, umas vozes confusas, um rumor como o do marulho do oceano a distancia; e pude perceber distinctamente estas palavras:

— Abaixo Rodriguez!

— Viva Gonzalez!

Havia tres horas que eu tinha entrado na florentissima republica de Mandovia!

. . .

Ora eis aqui o ideal do povo hespanhol:  
— fazer quatro revoltas e depôr quatro governos e assistir a uma corrida de touros, tudo no espaço de tres horas!

Feliz povo!

## A INSTRUCCÃO EM FERROS.

«O governo descursa a instrucção do povo! O governo cria escolas e não as provê de professores! O governo é o protector nato da ignorancia obrigatoria!»

Taes são as declamações com que uma parte da nossa imprensa periodica de tempos a tempos se lembra de atanzar o governo de Sua Magestade, que é incansavel em erguer o nivel da instrucção popular, já levantando-lhe templos, aos quaes sómente faltam — os sacerdotes, já dando-lhe sacerdotes, aos quaes só faltam — os templos.

A instrucção primaria! mas digam-nos onde se cura mais da instrucção primaria do que entre nós, que só de professores poderiamos bem formar um exercito, se uns não tivessem abandonado as suas cadeiras — fartos de fome, e outros não tivessem acabado de vez — famintos de fartura!

. . .

E' sobretudo na questão importantissima da instrucção primaria subministrada ao povo por conta do Estado, que se conhece o facciosismo e a má vontade da opposição para com um governo, que tem feito as delicias d'este Portugal, que não era digno de tanta fortuna, palavra de chronista!

Mas havemos de ser sempre uns mal-gradecidos, desconhecendo todo o bem que nos fazem esses desinteressados homens, que presidem á governação e aos destinos d'este no, desfructando já a posteridade na vida, em companhia de quem mais desejam!

Porque nos têm dado de tudo o que um povo carece — e até do que elle não carece, para ser feliz — inclusivè tiros; e ainda lhes contestamos o nosso illimitado reconhecimento, procurando descobrir-lhes nas casas luminosas como soes, algumas pequenas manchas, que a benzina do tempo fará desapparecer! Ingratos!

Se ha homens benemeritos, cujas plantas um povo deva regar de lagrimas agradecidas, e cujos nomes devam ser celebrados em hymnos publicos, Te-Deums e mastros cocagne, esses homens são ss. exc.<sup>as</sup> os mi-

nistros actuaes, a quem devemos este ar mais ou menos viciado que respiramos, este bello sol que nos aquece e este bocado de pão duro, que generosamente ainda nos deixam saborear,—áparte as dezenas de escolas primarias que diariamente surgem nas columnas da folha official ao sopro creador de uma das mais robustas corpolencias da peninsula, o ministro Rodrigues Sampaio.

. . .

Na cidade de Coimbra a instrucção primaria é ministrada áquelles dos filhos do povo, que a desejam, n'um bello edificio antigo, a cuja porta um soldado está constantemente postado.

E ainda se diz que o governo aloja mal os seus modestos professores primarios e nem sempre lhes dá uma sala onde possam leccionar os seus discipulos!

Pois em Coimbra têm ella e elles um palacio, — a cadêa!

Duvidam? Não acreditam? Acham inverosimil tamanho luxo de accommodação para

essa modestissima coisa, chamada instrucção primaria?

Mas n'uma cidade, que é o emporio das sciencias e das lettras em Portugal, — que se orgulha de possuir uma Universidade, a unica Universidade do paiz,—que se decora com o titulo de Athenas portugueza, e cujos filhos, ao virem á luz, em vez do seio materno, procuram logo um alphabeto — tanto é innata n'elles a ancia de saber, — n'uma cidade como Coimbra, o logar consagrado á instrucção primaria não póde deixar de ser um dos mais importantes estabelecimentos do Estado, como tambem o pedagogo tem de ser um homem cuja palavra auctorisada seja ouvida de todos com attenção e respeito.

E' por isso que o edificio da escola é a cadêa — e o professor um preso.

Mas leiam antes o que nós mesmo acabamos de ler n'uma folha da localidade :

«No seculo XIX—chamado o das *Luzes*; e no anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1877; sendo:

»Rei de Portugal e dos Algarves, sua magestade el-rei o snr. D. Luiz I;

»Presidente do conselho de ministros, o ex.<sup>mo</sup> snr. Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello;

»Ministro e secretario d'estado dos negocios do reino, o ex.<sup>mo</sup> snr. Antonio Rodrigues Sampaio, antigo presidente do *Centro promotor dos melhoramentos das classes laboriosas*;

»Governador civil do districto de Coimbra, o ex.<sup>mo</sup> snr. dr. Fernando Augusto de Andrade Pimentel e Mello, lente cathedra-tico da Faculdade de Medicina;

»Presidente da camara municipal da mesma cidade, o ex.<sup>mo</sup> snr. dr. Lourenço de Almeida e Azevedo, tambem lente cathedra-tico da Faculdade de Medicina;

»Em época de tanta illustração, se os pobres filhos do povo da cidade de Coimbra, séde do primeiro estabelecimento scientifico do reino, querem aprender a instrucção primaria, têm de ir á cadeia de Santa Cruz receber o ensino de um dos presos, que alli se acham condemnados!

»Progresso!»

Isto que ao jornalista coimbrão parece digno de censura, para nós constitue um dos

mais bellos titulos de que o snr. ministro do reino poderá ufanar-se, como prova de competencia e finura nos assumptos da sua alçada.

Expliquemo-nos :

E' sabido que os professores regios de instrucção primaria, em Coimbra, aberta a aula e leccionada durante um mez, tractavam de obter uma licença mais ou menos demorada para *se tractarem*, e levantavam vôo, não appareendo mais na cadeira, para a qual se abria novo concurso. Foi assim que o ultimo professor que lá se instalou, depois de ter marcado a primeira lição de Monteverde ás crianças, conseguiu ausentar-se por um anno com auctorisação do governo e a esportula respectiva.

Coimbra ficou de novo sem professor de instrucção primaria.

Então o snr. Sampaio teve uma ideia feliz para obviar a tão repetidos contratempus ; na impossibilidade de metter na cadêa o mestre de instrucção primaria, que fosse apurado no concurso, para o ter seguro,— porque entre nós ainda não é crime ensinar a ler e escrever,—abriu extra-officialmente

concurso nas enxovias de Santa Cruz e nomeou professor da infancia um preso. Desnecessario será accrescentar que fôra dispensado da certidão de folha corrida e do attestado de bom comportamento...

Idea luminosa! d'aquella forma não poderia o bom do mestre ausentar-se—mesmo para tractar da sua saude!

E ahi têm os nossos leitores como se explica este facto, tão assombrosamente extraordinario que parece não ter explicação plausivel, e que um visitante estrangeiro apontaria assim na sua carteira de viagem:

«*Coimbra* — Terceira cidade de Portugal, emporio das sciencias, etc. etc. — São tão sabios e illustres os seus filhos, que nenhum se dedica ao magisterio primario, julgando-o de somenos importancia. D'ahi o encarregarem-se d'este serviço presos já sentenciados a um ou mais annos de clausura. Na occasião em que eu visitei a cadêa, um ladrão explicava a sete ou oito creanças aquelle mandamento da lei de Deus, que reza — *não furtarás*. Era eloquente.»

E teimam os inimigos do governo, que não temos professores de instrução primaria! Mas, nobres campeões, professores não faltam; o que talvez lhes poderá faltar ainda, é cadêa.

Mas lá virá tempo em que se lhes attenda a mais esta necessidade. Como dizem os correspondentes das provincias para as folhas importantes, e como o disse tambem Pelletan (nunca lh'o perdoaremos!)—*le mon-de marche!*

---

#### PENDENCIA-CAMARÃO.

O assumpto é dos mais gastos, dos mais cançados, mas não podemos fugir-lhe por muita que seja a nossa vontade;—ou estes livrinhos são uma revista ou não!

Effectivamente elle tem passado em Portugal por todas as metamorphoses digestivas de que nos falla a phisiologia, e no estado presente já não cheira bem.

Referimo-nos ao assumpto-Camarão e Jun-gue (segundo o modo portuguez do snr. vis-

conde de Arriaga pronunciar o inglez), assumpto que ss. ex.<sup>as</sup> cosinharam, que a imprensa lusitana mastigou, que a camara electiva engoliu, e que os jornaes inglezes expulsaram de fórma a encher de miasmas os logares circumvisinhos.

Aquelles nobres descobridores—do que já estava descoberto ha muito, aquelles sabios, como lhes chamam as gazetas de todas as côres politicas, titulo que não lhes contestamos, nós que não temos nenhum,—acharam, affirmaram e declararam em varios congressos de sabios identicos, que o governo de Portugal permittia e até auxiliava tacitamente o trafico da escravatura nas suas possessões africanas.

*Inde irce.*

D'ahi os insultos da imprensa (o snr. de Benalcanfôr chegou a qualificar de bebados os snrs. Camarão e Jungue no *Commercio do Porto*), os discursos da camara, e as sessões d'est'outros sabios da nossa Academia; um patriotismo que só poderá ser egualado ao de 1640 contra a dominação dos Philippes, de ominosa memoria.

Por pouco presenciavamos a repetição do

caso glorioso de Magriço, vendo partir para Londres, no intuito de desafiar Camarão para uma sabbatina, o snr. Luciano Cordeiro e os doze socios mais habeis da *troupe* geographica de Lisboa. Que triumpho!

Desgraçadamente não succedeu assim, e Jungue e Camarão continuam no seu proposito de nos infamar, acoimando de negreiros os honrados portuguezes residentes na Africa; a maior parte dos quaes não téem ordem de voltar a Portugal—por coisas!

. . .

Nós achamos que os quatro milhões de subditos de S. Magestade Fidelissima, de ambos os sexos e de todas as edades, offercem um bello espectaculo ao mundo, revoltando-se contra o phrazeado energico dos snrs. tenentes britannicos; mas aqui muito em segredo, quem é que se responsabilisa pelos sentimentos de moralidade, humanidade e respeito devido á lei, dos nossos conterraneos espalhados pelas vastas possessões da Africa portugueza? — Quem póde affirmar, que elles, faccinoras e ladrões na ma-

xima parte, endurecidos no crime, vendo deante de si uma tão bella fonte de receita, como é o negocio da escravatura, sem perigos e até sem opposição em quasi todo o nosso littoral africano, não se vão empregando um pouco em tão lucrativa industria, emquanto se *rehabilitam* para entrar de novo na sociedade?

É uma bella coisa o patriotismo: a indignação diz bem nos nossos oradores e publicistas, porque é filha d'um grande sentimento ultrajado; porém estamos convencidos de que não é só isso o que nos cumpre fazer para futuro; mas arredarmos d'aquellas famosas paragens tudo quanto possa vir a prejudicar os nossos esforços, pois que, se o paternal governo de S. M. não auctorisa nem protege o illicito commercio da escravatura, outro tanto não podemos affirmar dos nobres cavalheiros, que elle manda transportar gratuitamente para esse territorio, e que são a vasa e o lixo das nossas enxovias. De certo que não é, despejando n'uma porção de territorio mais ou menos selvagem toda a sorte de criminosos, que se consegue civilisar os seus habitantes, domando-lhes a indole e

---

adoçando-lhes os costumes. Achamos ss. ex.<sup>as</sup>  
os faccinoras evangelicos de mais para isso.

. . .

E ahi vai agora em duas palavras o que julgamos da pendencia-Camarão, assumpto irritante, como não podia deixar de ser: — que applaudimos com delyrio os discursos patrioticos dos nobres deputados e academicos portuguezes, — o que não impede de que os indiscretos inglezes tenham talvez bastante razão... *in partibus infidelium*, pelo menos.

---

# VESPAS

O *Diario de Noticias*, que muitos consideram o mais sonso do jornalismo e que o póde muito bem ser, tem phrazes terriveis, como as crianças e os idiotas.

Eis uma d'ellas, a abrir o seu artigo principal do n.º 3:913:

«Na camara electiva *conversou-se* hontem sobre varios assumptos.»

«*Conversou-se*» é o termo adequado, proprio, justo, mas que difficilmente outrem, que não fosse um redactor do *Diario de Noticias*, acharia para exprimir o cavaco de meza redonda, com o qual os snrs. deputados no principio da actual sessão legislativa satisfaziam ao preceito de encher as tres longas horas destinadas aos trabalhos parlamentares.

No entanto, isto assim não póde continuar. Os snrs. deputados, não tendo outro motivo de reunião mais que o prazer de ar-

ranchar á má lingua, os do governo contra a opposição e os da opposição contra o governo, desertarão por fim das suas cadeiras e irão para o *Matta* ou para o *Gibraltar*, ou para os *Irmãos Unidos* deffender ou atacar o orçamento nos intervallos da mastigação.

E seria terrivel; pois que importaria o fraccionamento da representação nacional, passando o estrangeiro a procural-a, não em S. Bento como até aqui, mas nos hoteis e *restaurants*.

. . .

Ora, para que as coisas não cheguem a esse extremo, occorre-nos uma pequena alteração no scenario da casa onde alguns snrs. deputados ainda concorrem «para conversarem sobre varios assumptos»; é a seguinte: — substituir as escrivaninhas de ss. exc.<sup>as</sup> por graciosas mezas de marmore, á volta das quaes, ao passo que um orador discursa prolixamente sobre a escala alcoolica ou o alargamento de barreiras, se agrupem os nobres deputados, contando anedotas uns, lendo as folhas outros, tomando

café, comendo um bife ou libando cognac — todos.

A perspectiva seria animada, como a do Martinho ás 7 horas da tarde, e succederia o contrario do que hoje se está presenceando n'aquella caza do parlamento;—que as sessões se prolongariam pela noite adiante, havendo nobre deputado que preferiria dormir alli mesmo, debaixo da meza, a abandonar o seu posto d'honra.

Para regularidade do serviço d'expediente, durante as sessões, o parlamento seria servido por dez criados de libré.

. . .

Não tractamos ds fazer valer este projecto de reforma parlamentar, porque são obvios e incontestaveis os maravilhosos resultados que se pódem esperar d'ella, conseguindo-se que os trabalhos se prolonguem cada dia, sem fastio nem violencia para os illustres representantes do povo. Sómente daremos uma pequena amostra do que serão as sessões do nosso parlamento, caso seja adoptada a nossa ideia.

A monotonia e os abrimentos de bocca desaparecerão d'aquella caza, ao passo que a vista se deliciará com o quadro extraordinario de um grande movimento. Os criados indo e vindo com os taboleiros, este snr. deputado bebendo, aquelle trinchando, aquell'outro escrevendo á familia, por toda a parte baterias de crystaes e porcelanas, tal será o espectaculo que nos offerecerá a representação nacional, ao tempo que o ouvido receberá as mais agradaveis impressões, chegando até elle a palavra do orador, incendiado no santo amor da patria e do campanario, por entre o tilintar dos copos, o estourar das rolhas, o despejar dos gargalos, e o estalar das linguas nos respectivos palatinos.

Falla o snr. Manuel d'Assumpção :

«A administração publica é uma engrenagem, que exige, snr. presidente...»

*O snr. Illidio* (para um criado) — Meio bife com batatas.

*O snr. Assumpção* — ... que exige...

*O criado* (pondo a mão na boca, em porta-voz) — Salta meio bife com batatas !

*O snr. Assumpção* — ... que exige toda a

atenção da parte do machinista, a cujo cargo está...

*Uma voz ao fundo* — Prompto, meio bife com batatas!

*O snr. visconde de Arriaga* — Apoiado!

*O snr. Assumpção* — ... a cujo cargo está...

*O snr. Chagas* — Cerveja preta!

O criado repete.

*O snr. Assumpção* — ... a cujo cargo está vigiar-lhe o andamento sublime!

*Vozes* — Bravo! Muito bem! — Salta um café! — Venha a mostarda! — Apoiado!

*O snr. Assumpção* — Eu não posso comparar o homem superior...

*O snr. Osorio de Vasconcellos*, redactor da *Democracia* — Róst-bife com muito sangue!

*O snr. Assumpção* — ... o homem, que preside á publica administração, e...

*O snr. Osorio de Vasconcellos* (concluindo) — ... e hervas!

*O snr. Assumpção* (equivocando-se) — ... e hervas!... Não; digo, e a todo esse movimento extraordinario... não o posso comparar, digo...

*Um dos criados* — Salta! ôstras a um!

*O snr. Assumpção* — ... senão a esse vulto gigante, que, abrangia com o seu olho d'aguia...

*O snr. Thomaz Ribeiro* (palitando os dentes, ao criado) — Traga-me a conta.

*O snr. Assumpção* — ... com o seu olho d'aguia...

*O snr. ministro do reino* (batendo com uma pequena moeda n'um copo facetado) — Dim! dim! dim!

Os criados acodem ao chamamento. S. exc.<sup>a</sup> informa-se do *ménu*.

*O snr. Assumpção* — ... com o seu olho d'aguia, planicies incommensuraveis coalhadas de soldados obedientes!

*Vozes* — Apoiado! — Muito bem! — Repita a dóze!

*Um snr. deputado* (emergindo da cadeira n'uma quasi somnolencia bachica) — Bem sei! Napoleão... e o seu cavallo branco!

*Um dos criados* (a quem o snr. ministro do reino acaba de communicar o seu appetite) — Salta um leitão assado com batatas... e cinco botelhas de Collares!

. . .

Porque n'uma sala de cavaco já nós vêmos transformado o parlamento, segundo o *Diario de Noticias*; resta saber quando teremos ali uma caza de pasto!

---

Uma phraze cruel mas verdadeira. Foi no periodo mais agudo da crise philantropica, que temos atravessado n'estes ultimos tempos, de beneficios, concertos, subscripções, bazares e cedencia espontanea de ordenados, férias e pretos.

Era já tarde, cerca de dez horas da noite, e um grupo de illustres pés-de-boi preparava-se para deixar a meza do whist, quando um se lembrou de dizer:

— E se nós promovessemos um beneficio para os inundados?... Agora era boa occasião de... — e suspendeu-se.

Os circumstantes, ao ouvirem isto, ficaram tambem suspensos, e depois de alguns instantes de silencio, disseram quasi *una voce*, consultando-se:

— E' verdade... e se nós promovessemos um beneficio para os inundados?...

E como todos concordassem, formou-se uma comissão, que tractou de realisar o philantropico proposito.

Para esse fim, depois de alguns trabalhos preliminares, a comissão dirigiu-se a casa de varios artistas distinctos, e entre outros, á de um, cujo talento vigoroso e incontestavel tem sido altamente calumniado por quantos o não comprehendem.

O nosso artista recebeu a comissão, cujas casacas estavam ainda virgens de uma fita qualquer, e ouviu com recolhimento uma breve oração do presidente, em *patois* de carioca, pedindo-lhe o seu valioso concurso para um spectaculo-concerto a bem das victimas dos ultimos acontecimentos, etc.

O despremiado artista respondeu attentosamente:

— Meus snrs., eu sinto que vv. exc.<sup>as</sup> tivessem tido a ideia de me procurar e o incommodo de vir a minha caza, mas protestei nunca mais tomar parte em concerto algum, e estou no firme proposito de não quebrar esse protesto.

— E poderá saber-se a causa? talvez nós a poderemos remover... — disse o philantropo

sujeito com um ligeiro sorriso, que magoou profundamente o artista, porque envolvia um insulto á sua dignidade de homem.

O basbaque pensára :

— Bem sei. Queres dinheiro para tomares parte no concerto. Pandinga !

E o mesmo pensaram os outros illustres consocios d'elle na sueca e nas obras meritorias.

— Não pode remover-se a causa, porque é muito outra da que poderá suppor-se — observou o interrogado.

— Mas emfim... — insistiu o illustre presidente — Bem vê o snr. F. que temos de dar uma satisfação aos nossos amigos, explicando-lhes o motivo que nos priva de ter um dos nossos principaes artistas na festa de caridade, que promovemos.

— Pois então, queira v. exc.<sup>a</sup> dizer aos seus amigos que não posso acceitar tão honroso convite, — porque não quero contribuir com o meu trabalho para augmentar o numero dos commendadores. — E curvando-se, accrescentou — Um criado respeitador de vv. exc.<sup>as</sup>...

A commissão, indignada, estremeceu des-

de a raiz dos cabellos até os alicerces, e desceu as escadas, proferindo monossyllabos.

Nós convimos com ella, que o artista fôra inconvenientissimo;—nem todas as verdades se dizem!

---

S. Magestade el-rei de Hespanha D. Affonso XII abalançou-se a dar um giro até fora de portas, sahindo de Madrid, e são satisfactorias para a monarchia as noticias que vão chegando da sua digressão.

Diz uma folha:

«El-rei D. Affonso tem sido recebido com enthusiasmo em todas as povoações que tem atravessado.

»A *attitude* dos povos saudando o rei na sua passagem...»

Pedimos licença para uma pequena interrupção. Mas qual será a *attitude* dos povos saudando o rei na sua passagem? — De cocaras, como os personagens da *Fabia*, em arco de pipa, como os comparsas do *Barba Azul*, ou pé atraz pé adiante, como os coristas da ópera?

Não o dizem os jornaes, e era importante que o dissessem para ser devidamente archivado. Fındou a interrupção.

«A attitude dos povos saudando o rei na sua passagem, suggere a um jornal que temos presente as seguintes reflexões: Está consolidada a monarchia constitucional de Affonso XII e a constituição de 1876, interpretada liberalmente e sem a menor reserva e condições.»

Como se vê, não existe, nem pode existir paiz onde mais facilmente se consolide uma monarchia constitucional e uma constituição, do que na Hespanha.

E' uma nação feliz, um povo de anjos!

O processo é dos mais simples. Um dia ou uma noite, em jejum ou depois de jantar, o rei lembra-se de consolidar a constituição e a monarchia constitucional, e faz o seguinte: annuncia um passeio de sua real magestade a varios pontos do reino; o governo manda postar ali um exercito de empregados e outro de pretendentes, reforçado com as tropas da reserva á paizana, fingindo povo, e... não é preciso mais! Estouram os foguetes, estrugem as musicas,

echoam os vivas, ha illuminações... *c'est fait!* está consolidada mais uma constituição e mais uma monarchia constitucional em Hespanha!

E' verdade que tambem uma e outra coisa se desconsolidam com a mesma facilidade; d'esta sorte: um general de 35 annos apresenta-se á frente de vinte batalhões e de oito peças de artilheria, e solta o grito — Abaixo a monarchia constitucional, abaixo a constituição! — O mesmo grito repete-se por outros batalhões em pontos diversos de Hespanha; ha um instante de confusão; em vez de foguetes, ha tiros; depois, desvanecido o fumo, uma bandeira tem substituido outra no topo dos mastros dos edificios publicos, o palacio real está de vago, as musicas tocam um hymno ensaiado a occultas, ha luminarias... *c'est fait!* Está desconsolidada mais uma constituição e mais uma monarchia constitucional em Hespanha!

Feliz povo! Oxalá... oxalá nós poderemos desconsolidar com a mesma facilidade — a divida consolidada!

Ser da maioria parlamentar e da Academia Real das Sciencias tem sido e será a nossa grande ambição, o nosso sonho dourado. Ou nós ainda conseguimos isto, ou, com a bréca! morremos em peccado mortal.

Ah! como são felizes os que alcançaram qualquer d'estas coisas, e mais felizes ainda os que as alcançaram ambas! Que novos horisontes rasgados para a consideração publica, para as grandes ceremonias officiaes e para os bons bocados.

Ser da nossa Academia é hobrear com o snr. Neves Carneiro, que ninguem conhece nas sciencias nem nas lettras, é chamar collega ao snr. Bolhão Pato, que tem na mente uma duzia de poemas andaluzes;

E' resolver em sabio conclave nomear para o gremio de ss. exc.<sup>as</sup>, os immortaes, o snr. Alberto Pimentel e excluir d'elle Ernesto Rénan;

E' corresponder-se com varias corporações scientificas e litterarias da Europa, ouvindo-se a cada instante apellidar sabio, erudito, poial da sciencia, nobre encyclopedico, e ainda outros insultos lisonjeiros;

E' finalmente applaudir o snr. marquez de Souza no seu relatorio sobre as excavações de Citania e ter uma casaca bordada para as occasiões solemnes!

Sim! ditosos os que são socios da nossa Academia!

Mas não menos ditosos os que são deputados regeneradores!

Porque elles teem a ineffavel honra de tractar com o Jove portuguez de mano a mano;

Porque ficam sendo amigos e compadres do sublime dispensador das graças e mercês, com o que muito téem a aproveitar os manos, os primos, os cunhados, os amigos, e os amigos dos cunhados, dos primos e dos manos,—já se vê, depois de cumprida a humanitaria sentença, que diz: a caridade bem ordenada...

Porque vive na consideração das auctoridades do seu circulo, dos mais grados membros do seu club e na de toda a sua parentella, embora digam baixo, á puridade, uns com os outros — é um imbecil!

Porque... porque, meus snrs., — e este particular faz-nos esquecer por momentos a

satisfação que sentiríamos ao penetrar nos umbraes da sabia e real corporação academica, — porque o snr. Fontes recebe todas as quartas feiras os seus *amigos politicos* e a profusão do serviço, chá e bolos, na phraze de um d'elles, é de fazer o desespero do proprio Sampaio, que nunca permittiu que um tableiro se retirasse da sua presença com a mancha d'um pastel!

— Por conseguinte — interromper-nos-ha um puritano — queres ser deputado da maioria simplesmente para comer!

— Mas, sem duvida, como os outros; para comer primeiro, dar a comer depois e representar em terceiro logar.

— E' patriotico o empenho — observará ainda o nosso interlocutor com um sorriso, que se esforçará por tornar malicioso.

— Ah! sim! e ainda para outra coisa, meu amigo.

— Qual?

— Para saber quanto o chá e os bolos do snr. ministro da guerra e presidente de ministros, representam de polvora ingleza no ministerio respectivo.

---

Ainda não cessaram os beneficios, as subscripções, os bazares, as imposições, os donativos, os leilões com o piedoso proposito de juntar dinheiro para soccorrer as victimas dos ultimos temporaes; e a somma apurada, em cofre, excede já a 80 contos de reis.

Concorreram para este resultado:

o magro empregado publico, com um dia dos seus vencimentos,

o mecanico, fatigado de trabalho e parcamente alimentado, com um dia da sua fêria,

o soldado, o pobre soldado raso, com um dia do seu pret,

para amanhã terem a gloria de dizer que soccorreram com seis tostões, com dezoito vintens ou com dois patacos, os maiores proprietarios do Alemtejo e da Beira, que fazem jus a passarem por inundados—em paga de serviços eleitoraes.

Ah! como deveis estar orgulhosos de terdes vexado com a vossa esmola esses pobres ricos a quem ides soccorer na sua hypothetica miseria!

Meus senhores; se não a conheciéis ainda, eil-a aqui, sobraçando recommendações de administradores e officios de governadores civis, em romaria para a grande commissão; temos a honra de vos apresentar—a Caridade official!

---

**R**emate d'um conto arabe, que por acaso nos veio parar ás mãos. O principio crêmos ter-se perdido na noite dos tempos. Parece de hontem. Leia-se:

« . . . . Então Colim-Colim-Simahô, o sympathico monarcha de Bijékmaláculi, disse, segurando a corôa, que já lhe ia a escapar da cabeça:

— Na tua verdade, Tjoula-Bufá, o meu povo rosna?

— Bastante, real senhor—volveu o interrogado — bastante. Começa mesmo a perguntar para que serve M. Magestade.

— Como, para que sirvo?! Pois elle ou sa...? Mas isso não é da sua conta! Demais...

a pergunta parece-me tola ! Eu mesmo não sei para que sirvo!... E julgas que esse vulgacho pode fazer-me alguma... descortezia ?

— Sem duvida, real Senhor— disse Tjoula-Bufá, curvando-se.

— Mas isso está o diabo ! E elles que desejam, vamos a saber ?

— Elles, se quer que lhe diga a V. Magestade, não sabem o querem, nem eu... Mas um dia d'estes, mando-lhe perguntar.

— Sim ; que vejam se sabem o que pretendem e que façam um abaixo assignado. É verdade ; antes de deixarmos a politica, dize-me, que tal é o estado sanitario do meu povo ?

— Real Senhor, grassam as bexigas de um modo assustador. Muitos subditos de V. Magestade succumbem, outros ficam assignalados. Ha mesmo um certo panico...

— Sinto muito, Tjoula, sinto muito. Porque, apesar de rei e vaccinado, pode cahirme o raio em caza...

E ficou pensativo Colim-Colim-Simahô. Mas este estado durava n'elle pouco tempo. Raras vezes pensava.—Erguendo, pois, a ca-

beça que tinha conservado pendida durante alguns segundos, disse para o seu primeiro ministro, sorrindo :

— Sabes no que eu estava a pensar agora ?

— Talvez nas bexigas, real Senhor ?

— Quaes bexigas ! Boa bexiga me pareces tu ! Pensava no baile de mascaradas da côrte. Qual é a tua opinião ?

— A minha opinião... é que não haja baile—volveu affoitamente o ministro.

— Mas... não te percebo ! Explica-te. Porque não ha-de haver o baile ?

— Saberá V. Magestade que hoje, passando minuciosa revista aos escaninhos da real burra não encontrei uma libra para despezas... e que só d'aqui a dois mezes é que se principia na cobrança das contribuições.

— Fica-se a dever !—tornou o rei com um movimento de hombros.

— Senhor, já não ha quem fie !

— Mas é uma vergonha não dar baile de costumes este anno ! Que pensará a côrte ? o estrangeiro ?

— Inventase um pretexto... pretextase

um invento... Ah! uma ideia! As bexigas!...

—Estás doido, Tjoula?! Pois que têm as bexigas...?

—Tém tudo, real Senhor, têm tudo! Poupa-se dinheiro — aos que tivessem de nol-o emprestar, e consolida-se a dynastia no throno dos seus maiores por um movimento sympathico ás massas.

—Hom'essa! — exclamou o monarcha de Bijékmaláculi, depois de ter fitado bem o seu grande ministro encarregado das pastas de toda a governação publica e particular do reino.— Tudo isso, por causa das bexigas?!

— V. Magestade verá.

...

Effectivamente, d'ali a uma hora, nas praças da grande capital do pequeno reino ru-fava um tambor, e um pregoeiro de voz fanhosa lia o seguinte pregão, intermeado de

rufos, na presença de alguns curiosos e de uma *claque* numerosa:

**A' nobreza, clero e povo!**

«Deus salve a todos e os inspire no caminho do bem commum! Gloria a Deus! (Rufo).

«Constando a S. Magestade o Grande Ser Colim-Colim-Simahô XXI (rufo), que o seu povo muito amado é affligido pela terrivel epidemia da variola, vulgò bexigas, que tem levado a morte ao seio de numerosas familias, e não lhe consentindo o seu coração de pae estremecido (rufo) gosar emquanto seus filhos agonisam, resolveu não dar o baile annual do costume, cerrando as portas do seu palacio em demonstração do sentimento que o enlucta. (Rufo). O primeiro ministro

*Tjoula-Bufá.»*

*Tjoula Bufá* (no meio da turba, com grandes barbas postiças)—Viva o Grande Ser! Viva o nosso rei! Viva o amigo do povo!

A turba (cortezãos disfarçados, jornalistas da situação, empregados publicos, futuros commendadores, etc., n'um berro unisono, agitando os chapéus emplumados)—  
Viva! Viva!

O pregoeiro dirige-se para outra praça. A *claque* segue atrás.

. . .

Colim-Colim Simahô, a cujos ouvidos chegava o rumor das freneticas acclamações dos seus fieis vassallos, esforçava-se por segurar bem na cabeça a corôa dos seus maiores, e murmurava entretanto:

—D'esta vez ainda ella não vai! Agora conheço que tinha muita razão meu avô, quando me dizia que em nada ás vezes estava tudo! Era um grande sabio meu avô paterno! Mas Tjoula-Bufá é um ministro precioso!... Como elle soube tirar partido das bexigas em proveito do throno!—Ámanhã nomeal-o-hei meu ministro perpetuo... e talvez meu camareiro! Quero-o ter na minha intimidade. Que diplomata!

---

É verdade, Fulano, o que se diz;  
Que fizeste ha dois mezes a mão baixa,  
No banco em que tu foste director,  
Desfalcando-lhe a caixa?

—Tem graça! e que tinha se assim fosse?...  
Que ha n'isso que te possa surprehender?  
Eh!... *je prends mon bien où je le trouve,*  
Como diz Molièr'!

Ha dias o *Boletim parlamentar* de uma  
folha da capital abria do seguinte modo:

«O snr. Anselmo Braamcamp pronunciou  
um excellente discurso, notavel pela sua se-  
riedade e sensatez...»

Estas palavras, escriptas simplesmen-  
te, sem a minima intenção malevola, dão  
a medida da gravidade da nossa camara  
electiva. Chegamos ao ponto de vêr que um  
discurso sério e sensato, no parlamento por-  
tuguez, é um facto notavel, digno de chro-  
nica.

Pela nossa parte, não desesperamos de vêr ainda as sessões do nosso parlamento fecharem por um can-can desenfreado — como o *Orpheu nos Infernos!*

---

O ministro do imperio brasileiro dirigiu um aviso ao respectivo enviado extraordinario e ministro plenipotenciario em Portugal, indicando-lhe as condições em que deveria acceitar as propostas de alguns professores de ambos os sexos para duas escholas normaes primarias, criadas ultimamente no Rio de Janeiro por conta do governo, uma para professores (externato) e outra para professoras (internato).

Este aviso tem despertado os mais primitivos guinchos e clamores da parte dos nossos *irmãos d'alem-mar*, exactamente como se Pedro Alvares Cabral tivesse lá saltado novamente a levar-lhes com a ultima palavra da civilisação europêa, a doçura dos nossos costumes.

Na imprensa, nas praças e nos cafés, bra-

da-se: — Vergonha e affronta para todo o povo brasileiro!

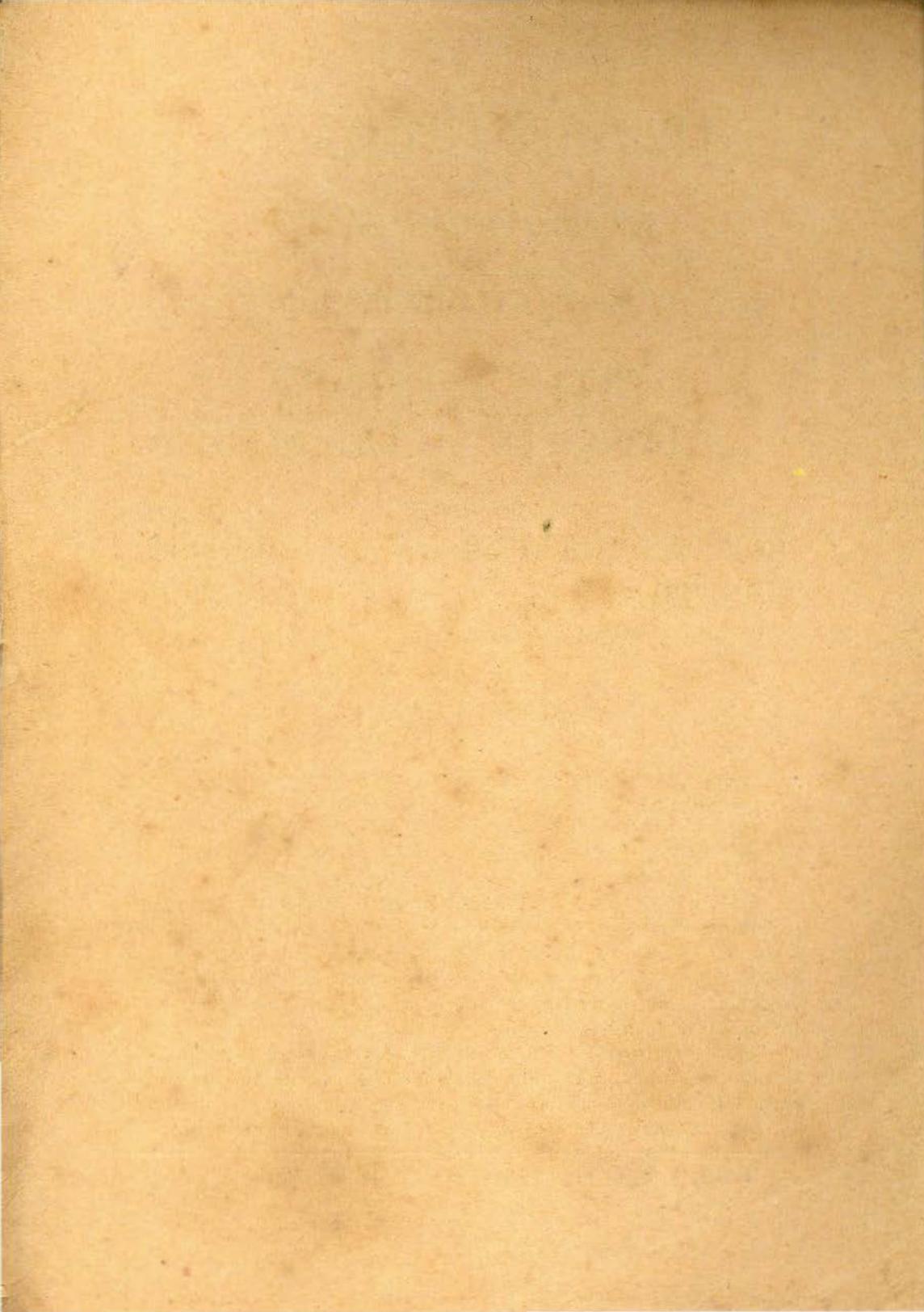
Mas, Deus sabio e bondoso! onde está a affronta e a vergonha? Como vos affrontou e envergonhou, povo susceptivel e brioso, o vosso excelso ministro?

Lembrando-se de fundar uma escola normal de ambos os sexos com professores idoneos? — mas isso é immensamente louvavel! Em os mandar ir de fora? — mas se não os tendes lá nem são producto que se extraia dos vossos côcos!...

Uma idea! Vexa-vos terem de ir professores portuguezes, subsidiados pelo vosso governo, organizar as vossas escolas, ensinar-vos a ler, a escrever e a contar pelo methodo mais facil e racional?—Pois bem! abrem-se diante de vós dois caminhos a seguir, ambos distinctos: ou embarcaes para cá e vos matriculaes na escola primaria do snr. Philippe Leite ou penduraes um anel no nariz e vos internaes novamente no matto.

Escolhei, povo brioso! é susceptivel!

---



# LIVRARIA CIVILISAÇÃO

DE

EDUARDO DA COSTA SANTOS

RUA DE SANTO ILDEFONSO, N.º 8 e 10

## ORTIGÕES CHRONICA DO MEZ

PREÇO

Por assignatura . . .	120 réis
Avulso . . . . .	180 réis

Para as provincias accresce o porte do correio.

### EXPEDIENTE

Entra esta chronica no seu 5.º mez de existencia, e o lisongeiro acolhimento que o publico lhe tem dispensado, obrigamos quanto possivel a tornal-a digna de tanto favor, pela remoção de certos attrictos, que empecem a marcha regular de toda a publicação periodica durante os primeiros tempos.

Ora sendo um dos maiores inconvenientes para a rapida distribuição d'estes opusculos, a condição estabelecida no programma, de ser a importancia de cada n.º cobrada no acto da entrega, o editor resolveu abrir series de 4 numeros, cuja cobrança principiará depois do 2.º n.º (ou mez) de cada serie, por meio de recibos.

Por esta forma o snr. assignante receberá a tempo cada n.º dos *Ortigões*, deixando de ser mensalmente incommodado para a retribuição de uma pequena quantia, que por frequentes motivos não póde muitas vezes satisfazer de prompto.

Porto—Typ. Occidental—Rua da Picaria, 50 a 54.